

Discurso de abertura do 3º Congresso Nacional de Medicina Tropical

*Opening speech for the
3º Congresso Nacional de Medicina Tropical*

António Rendas

Reitor da Universidade NOVA de Lisboa

As minhas primeiras palavras são para saudar, na pessoa do Professor Paulo Ferrinho, todos os participantes neste Congresso e também para felicitar o Instituto de Higiene e Medicina Tropical por mais esta iniciativa agregadora dos saberes tropicais, na área da medicina e da saúde pública.

Um cumprimento muito especial é devido ao Senhor Presidente do Conselho Geral que mais uma vez nos acompanha, com disponibilidade atenta e generoso empenho. Saúdo igualmente, na pessoa da Presidente, Dra. Ana Jorge, o novo Conselho do Instituto, bem como os dirigentes dos órgãos de gestão, recém-eleitos, e desejo-lhes os maiores sucessos. Para os docentes, investigadores e funcionários do IHMT os meus calorosos cumprimentos.

Quero, em seguida, saudar os dirigentes das Sociedades e Associações de Medicina Tropical e o seu presidente, o Professor Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, bem como os dirigentes dos Institutos Nacionais de Saúde Pública da CPLP, que nos honram com a sua presença. Uma saudação muito especial é devida à recém-indigitada Reitora da Universidade Agostinho Neto, Professora Maria do Rosário Sambo, com os votos sinceros de um bem-sucedido mandato.

Saúdo igualmente todos os distintos convidados e desejo-lhes que se sintam em vossa casa.

Para os membros da equipa reitoral da NOVA e para os dirigentes das Unidades Orgânicas que se quiseram associar a esta sessão de abertura, as minhas saudações amigas. Queria finalmente saudar com igual amizade, e faço-o só agora por ser da casa, o Doutor Luís Sambo, personalidade conhecida de todos, que deixou, recentemente, a Direção da Região Africana da OMS e que é Doutor Honoris Causa pela nossa universidade.

Permitam-me que vos fale agora, por breves momentos, de um outro Doutor Honoris Causa da NOVA, o ex-Secretário Geral da Nações Unidas, Kofi Annan que afirmou na recente cimeira africana do ensino superior, citando Nelson Mandela:

"A educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo". Kofi Annan propôs, nessa sua intervenção, três prioridades para revitalizar o ensino superior em África:

Primeira prioridade: Usar o poder das parcerias – entre as universidades e todos os restantes atores: os governos (nacionais, regionais e locais) e todas as instituições da sociedade civil (públicas e privadas). Afirmou, a certa altura que, apesar das dificuldades do ensino primário e secundário em África, não se deve descurar o superior, sobretudo numa altura de grande expansão económica africana. Mas lançou um aviso quanto ao perfil dos graduados que deve ser adaptado a realidade africana e ter sempre uma componente vocacional. A procura dessas parcerias, no espaço global, deve constituir um dos objetivos essenciais das instituições que fazem parte da CPLP. Em Portugal podem contar com o IHMT, em particular, e com a NOVA em geral.

Segunda prioridade: Melhorar os sistemas de recolha e de análise da informação dizendo, a certa altura: "Governar, (ou gerir), sem dados (credíveis), é como conduzir um veículo sem painel de bordo. É urgente que se criem sistemas de informação fiáveis e credíveis e se partilhem dados entre as instituições e os decisores políticos e sociais." Kofi Annan afirmou estar consciente do crescente assumir destas responsabilidades por parte das lideranças africanas mas admitiu haver ainda um longo caminho a percorrer face às grandes assimetrias, de toda a natureza, existentes em África.

Terceira prioridade: Preparar melhor os estudantes e inculcar-lhes a responsabilidade de contribuírem para o desenvolvimento dos seus próprios países. A certa altura Kofi Annan afirmou: "ninguém nasce um cidadão exemplar, um democrata ímpoluto e um líder consciente do seu papel

na sociedade! Contribuir para a formação social e humana dos estudantes é tanto mais importante quanto as sociedades africanas em que se inserem precisam de os atrair e fixar, combatendo o "brain drain" e transformando-o em "brain sharing".

Kofi Annan terminou a sua intervenção assinalando os três pilares essenciais da sustentabilidade social: a paz e a segurança, o desenvolvimento sustentável e o respeito pelos direitos humanos.

Ao repetir, mais uma vez, que podem contar com a NOVA nestes desafios do conhecimento ao serviço da sustentabilidade social, faço-o com a coerência de um percurso de trinta e cinco anos, entre 1980 e 2015, que corresponde à integração do IHMT na Universidade NOVA de Lisboa.

Ao longo desse tempo a NOVA assumiu a responsabilidade de preservar a autonomia do IHMT e de o manter íntegro como um instrumento essencial da cooperação portuguesa nas áreas da medicina e da saúde pública, no espaço mundial e com especial incidência nos países da CPLP.

A NOVA fez esta integração sem receber subsídios, nem edifícios governamentais para divulgar uma lusofonia que pratica todos os dias, a partir do IHMT como instituição que lidera, há mais de um século, esta área tão importante dos saberes tropicais. Antes pelo contrário, a NOVA tem de se afirmar todos os dias, em Portugal, face a outras instituições que se assumem tropicais e assiste, espantada e indignada, mas atenta, à destruição de outros projetos, que sempre foram tropicais, e portanto irmãos, para satisfazer ambições de protagonismo pessoal ou de mero exibicionismo territorial. Embora sabendo bem que, com o tempo, a verdade virá ao de cima, a NOVA, lamenta a falta de visão do Governo que permitiu, passivamente e por razões exclusivamente economicistas, a destruição da identidade do Instituto de Investigação Científica Tropical. Se tal tivesse acontecido, há trinta e cinco anos atrás, o IHMT poderia ser hoje um departamento da Faculdade de Ciências Médicas e o mesmo poderia ter sucedido com a Escola Nacional de Saúde Pública, alguns anos mais tarde. Sei muito bem do que falo porque dei os primeiros passos no sentido correto, como diretor desta instituição, entre 1983 e 1986, ou seja, no período crítico da integração. Foi difícil mas a realidade atual mostra que tivemos razão e que a coerência e a persistência ganham sempre, no longo prazo, ao zigzaguear do imediatismo e ao flutuar das decisões circunstanciais.

É também por isso que quero afirmar, publicamente, que durante os próximos dois anos do meu mandato isso nunca irá suceder. A NOVA tem uma identidade, reconhecida nacional e internacionalmente, que é mais do que a soma das suas unidades orgânicas mas que privilegia a identidade de cada uma. Esta estratégia corresponde a um plano que defendemos e executamos com rigor e continuidade desde 2012.

É por tudo isto que termino com uma homenagem à coerência e à persistência de um grande homem que nos deixou há muito poucos dias. Refiro-me ao Professor José Mariano Gago, o nosso único Ministro da Ciência, com quem tive o privilégio de partilhar lutas universitárias bem difíceis, sempre ao serviço de Portugal. Mariano Gago era uma personalidade nacional e internacional singular, pela sua inteligência, pela sua capacidade de trabalho, mas também pela forma como liderava os projetos e, acima de tudo, como acreditava e lutava por eles. Profundo conhecedor da ciência e dos atuais cientistas portugueses, porque os ajudou a crescer, foi também o grande promotor de uma cultura científica nacional associada à cidadania, que também criou, nas últimas décadas, em Portugal. Outros saberão, melhor do que eu, prestar-lhe homenagem nesses campos. A começar no Senhor Presidente do Conselho Geral que o convidou para voltar da Suíça para Portugal e lhe confiou a Presidência da JNICT, futura FCT.

No entanto, creio que posso, como poucos, recordá-lo aqui como o meu Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior com quem tive o privilégio de trabalhar, durante vários anos, na qualidade de Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. Também aqui se deve a Mariano Gago uma verdadeira mudança de paradigma no ensino superior representada pelo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior que, do meu ponto de vista, permitiu às universidades portuguesas, ao contrário das gregas, sobreviverem, nos últimos anos, ao maior atentado à autonomia universitária desde o 25 de Abril.

A aproximação de Mariano Gago à realidade universitária, da qual suspeitou durante muito tempo, deu-lhe a conhecer um terreno onde ele, negociador habilíssimo, conseguiu sucessos políticos notáveis como a passagem de três prestigiadas universidades públicas a fundações públicas de direito privado, estatuto que ainda se mantém na atualidade.

Creio que Mariano Gago só visitou uma vez o IHMT ao longo do mandato mas sei bem como era sensível ao papel desta instituição no espaço da CPLP onde ele também intervinha com regularidade, por exemplo, na promoção da qualificação de novos doutores.

Com a sua morte, precoce, Portugal perdeu um grande vulto e muitos, nos quais me incluo, perderam um grande amigo. A melhor forma de respeitarmos a sua memória é continuarmos a fazer boa ciência, a formar bem os nossos estudantes e a construir o futuro da sociedade portuguesa com a coerência e com a perseverança de quem recomeça todos os dias. Esse é, para mim, o principal desafio que ele nos deixa. Vamos honrá-lo.

Desejo-vos um excelente Congresso.
(discurso proferido no dia 20 de Abril de 2015)